TOTÓ, O MAIOR CÃO DO MUNDO

Cap. 1

A surpresa

Ainda me lembro bem das exatas palavras que iriam transformar a minha vida e a de um certo cãozinho:

__ Pode Cinthya, você pode ficar com um filhotinho.

Confesso que me custou um pouco entender o real significado daquelas palavras, pois tinha certeza de que meu pedido seria rejeitado, insistindo apenas por hábito.

Tão logo a surpresa deu lugar à felicidade, comecei a pensar que nome daria a ele, como ele seria e tudo aquilo que iríamos fazer juntos... Segui sonhando durante toda a longa espera de um mês, conforme pareceu aos meus olhos de menina de cinco anos de idade.

Cap. 2

Nasceram

Minha espera teve fim em uma manhã de outono, quando o sol, brigando com o vento, não conseguia aquecer as pessoas que buscavam seu abraço morno... Quando vi a Vizinha parar próximo ao nosso portãozinho, tive um sobressalto:

__Seria possível?

Tive receio de abordá-la novamente, pois há um mês não fazia outra coisa. Fingi, assim, estar absorta pelas brincadeiras com minha irmã, que nos seus três anos não podia entender o que vinha me tirando o sono. Creio que nunca fui tão feliz como no momento em que minha mãe disse:

__Filha, nasceram!!!

Nenhuma palavra no mundo seria capaz de provocar semelhante reação em mim, que entre gritinhos e risadas, abraçava e beijava minha mãe...

Cap. 3

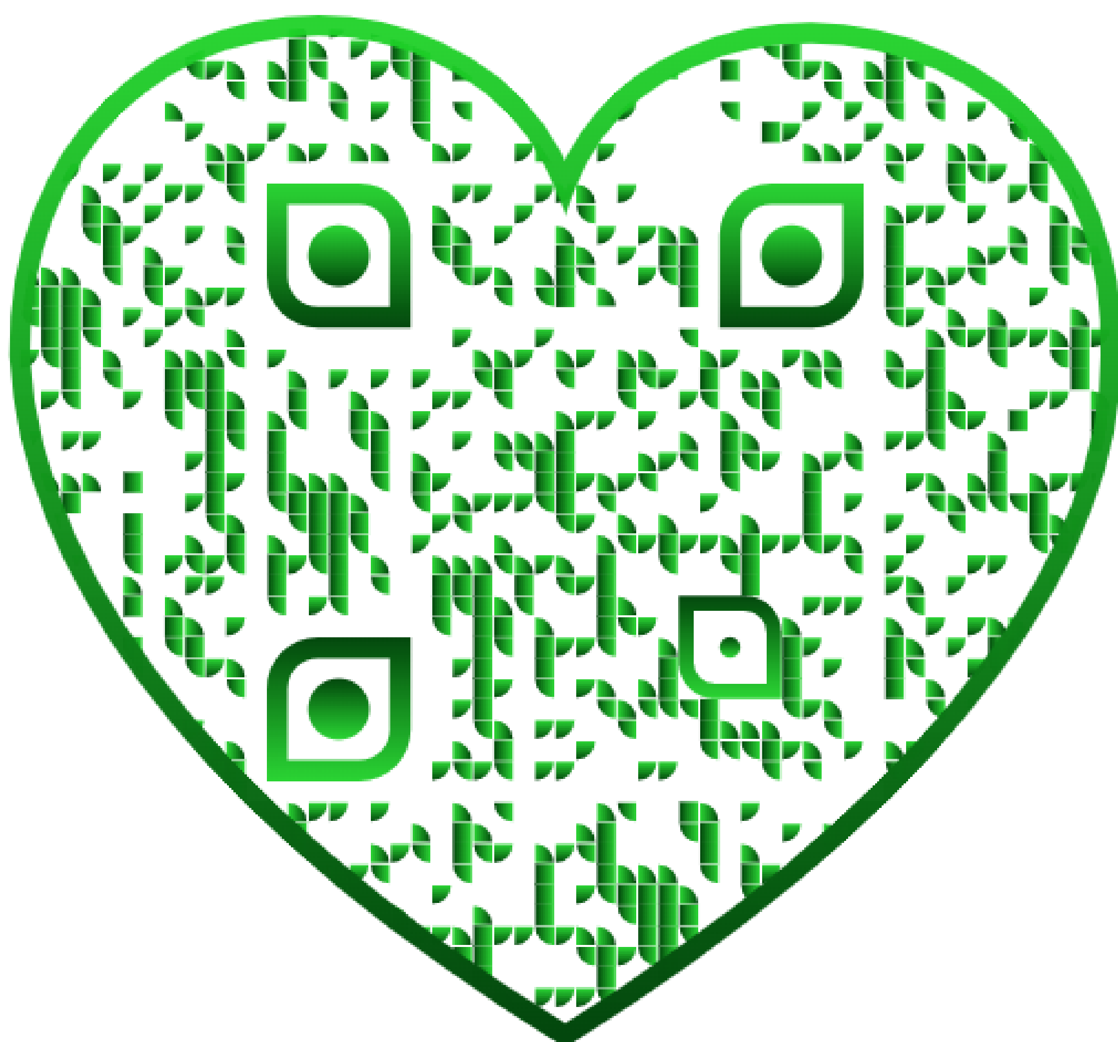
Impaciência

__Posso ir lá buscar? Foram as primeiras palavras que consegui pronunciar. Mesmo após minha mãe e meu pai passarem horas tentando, em vão, explicar-me que ele apenas seria meu, depois que a mamãezinha dele ficasse mais mansa e ele pudesse andar e comer sozinho. Não consegui me conformar.

No dia seguinte, decidi ir, sozinha e escondida, à casa da Vizinha. Quem sabe meus pais estavam arrependidos e inventavam essa história para me enganar?

Talvez ela já me desse o "meu" cachorrinho e, então, que lição eu passaria nos meus pais, que queriam enganar a própria filha!!

Assim, decidida, comecei a bater palmas no portão da minha salvadora...



Cap. 4

Uma decepção e uma dúvida

Quando a porta se abriu e a Vizinha esboçou um sorriso, eu logo pensei que não havia me enganado, mas, para meu tormento, ela perguntou:

__Você veio conhecer o seu cachorrinho?

Conhecer?, pensei eu. Eu vim é buscá-lo! As lágrimas, teimosas, começaram a escorrer pelos meus olhos..

Meio sem saber o que responder, acenei que sim com a cabeça e a segui, cambaleando, porta adentro.

Ela entrou na frente e segurou a mãe - cachorra, que não estava com muita vontade de sair de perto dos recém-nascidos.

Aproximei-me da caixinha de papelão que fazia as vezes de berçário e pude ver quatro bolinhas coloridas, que mesclavam o branco, o preto e o marrom de forma engraçada.

A vizinha apontou-me dois pequeninos e disse que eu escolhesse um. Pus-me a observar com cuidado e atenção, afinal era a primeira vez que me cabia uma decisão tão importante...

Cap. 5

A escolha e o nome

Ambos eram lindos. O gorducho que dormia de barriga para o ar não me causou, contudo, boa impressão. Eu não ia querer um cachorro gordo que só comesse e dormisse o dia todo. Já o outro, ah! O outro era esperto como ele só! Até lambeu o meu dedo, quando o pus perto da boca dele! Isso é que era inteligência! Ele sabia que eu já o amava.

Depois desta maravilhosa experiência, esqueci-me de ficar triste e até me conformei em esperar um mês para tê-lo comigo.

Voltei correndo para casa, cega de felicidade. Meu coraçãozinho parecia querer fugir de mim e chegar na frente para contar a novidade...

Começamos, meus pais e eu, a pensar no nome que lhe daríamos. Depois de algumas sugestões, todas comuns, a meu ver, eu resolvi :

__Vai se chamar Pink!

Tudo bem que o cachorro da minha prima já tinha esse nome, mas agora eu teria um Pink só meu.

Embora minha prima não tivesse gostado muito da minha "original" idéia, este acabou sendo o meu escolhido, assim mesmo.

Cap. 6

As visitas

Conforme eu fizera a Vizinha prometer-me, passei a poder visitar o meu eleito todos os dias, e fui acompanhando seu desenvolvimento, atenta ao dia em que ele estaria, finalmente, pronto.

Em um desses dias, o tal cachorrinho gordo aproximou-se de mim, em um movimento que se confundia com um cambalear e começou a esfregar-se em minhas mãos, aparentando buscar carinho.

Como não desejava que o meu Pink começasse a nutrir sentimentos de ciúmes, afastei o Gordinho - como o apelidei - e voltei a distrair o meu amado.

Tal cena passou a repetir-se com freqüência e a atitude do Gordinho começou a me despertar cismas...

2

Cap. 7

O destino

Próximo ao grande dia, após ter chovido uma garoa fininha por horas a fio, saí rumo a mais uma de quase trinta visitas.

Eu tinha a impressão de que havia algo de estranho, melancólico no ar, embora eu não conhecesse a melancolia como tal.

Sentir o ar fresco que me roçava o cabelo fininho e liso, e notar um silêncio triste que me incomodava, tornando o caminho até a casa da Vizinha longo, fez com que eu tivesse consciência da minha pequenez de menina, apresentando-me a um sentimento que hoje sei chamar-se melancolia...

Não podia precisar exatamente o que havia de errado, mas pressentia alguma coisa...

Cap. 8

O medo

Como de costume, bati palmas e esperei que alguém viesse abrir o portão. Após alguns minutos, já que ninguém aparecia, resolvi entrar sem licença dos donos da casa.

Segui pela entrada lateral, que dava direto ao quintal e, com um correr de olhos, procurei pela caixa de papelão, já que esta não tinha um lugar fixo, pois os "bebês" tinham seu horário de banho de sol e o de cochilo, à sombra.

Ao vê-la debaixo da velha mesa de passar roupas, aproximei-me com cautela, ainda com medo de que a mãe - cachorra não ficasse satisfeita com mais essa visita. Ela, contudo, ao me ver afastou-se da caixa e seguiu rumo ao jardim, de uma forma tão estranha que me provocou arrepios.

Sem saber exatamente por quê, não fui correndo vasculhar o conteúdo e, por alguns instantes, fiquei a observar uma outra caixinha que se encontrava em cima da mesa... Nesse mesmo minuto, senti algo quente e úmido me roçar a perna, afastando-me de meus pensamentos e me trazendo de volta àquela tarde cinzenta e fria: o Gordinho me dizia oi, lambendo-me devagarinho.

De forma não muito carinhosa, afastei-o e procurei pelo meu Pink, mas para meu desespero, ele não estava na caixa e em nenhum lugar do quintal, que revirei de ponta a ponta. O que teria acontecido? Esquecendo tudo que meus pais diziam sobre educação, sobre a casa dos outros e sobre gritar, invadi, aos prantos, a casa da Vizinha, buscando alguma resposta que pudesse pôr fim ao mais terrível medo que já sentira.

Cap. 9

A dura realidade da vida

A Vizinha, que chegava das compras, já adivinhara o que eu estava fazendo, aos prantos, dentro da sala dela e disse-me:

__ Cinthya, precisamos conversar!

Nunca eu ouvira uma frase tão intensa como aquela e aumentei o choro, na esperança de não ouvir o que ela falava, mas, segurando minhas mãozinhas que estavam geladas, ela conseguiu fazer com que eu a ouvisse.

__E foi isso o que aconteceu, disse-me ela, terminando de narrar o acontecido.

Eu não podia me conformar. Aquilo só podia ser um sonho, ou o tal do pesadelo, segundo me explicaram. Como é que o Pink, o meu Pink, um cãozinho tão esperto, podia ter bebido o leite em que havia caído o sabão em pó?? Custava acreditar que ele e mais uma irmãzinha sua, por causa disso, tinham morrido.

Pela primeira vez em minha vida, senti a dor de uma perda e fui apresentada a outro sentimento: a impotência. Nada mais me restava fazer...

Por várias horas, ou talvez minutos, fiquei calada, sentindo o sabor salgado das lágrimas quentes que me caiam na boca.

Cap. 10

A troca

Vendo minha desolação, a Vizinha, que já tinha uma idéia para solucionar a questão, pegou-me pela mão e levou-me até o quintal.

__Calma, falou-me ela. Eu não quero que você fique triste e nem sem cachorrinho. O que você acha de levar outro?

Olhei para onde ela apontava e deparei - me com ninguém menos que o Gordinho. Sem atinar direito com as coisas, recomecei a chorar.

__O que houve Cinthya? Você não gosta dele?

Eu não sabia! Passei tanto tempo tentando não dar atenção a ele , sonhando com meu escolhido, que me sentia uma traidora agora. Será que eu podia trocá-lo assim? Eu nada entendia sobre a morte, sobre o que deveria fazer... Só sabia que nunca mais o veria, igual como quando minha bisavó havia morrido. Todos choraram e ficaram falando baixinho dentro de uma sala. Minha mãe não me deixou entrar lá e só me disse que nunca mais veria a Bisa, só no Céu . Para falar a verdade, eu também não entendia muita coisa sobre o Céu...

E agora, como eu ia saber o que fazer? Será que cãezinhos iam para o Céu? Ninguém tinha colocado outra Bisa no lugar daquela...

Cap. 11

O silêncio

Sem dar qualquer resposta, fitava o Gordinho que, sem cerimônia, ia se aproximando de mim, arrastando, devagarinho, a barriga no chão.

A Vizinha, vendo a cena, disse-me para voltar para casa, e, se quisesse o cachorrinho, na tarde seguinte, aparecesse para levá-lo de uma vez por todas.

Saí lentamente pelo mesmo portãozinho lateral e fui pensando, durante o trajeto até minha casa, na segunda decisão que me cabia tomar na vida...

A garoa recomeçou a cair e, ao chegar a meu quarto, lágrimas e gotas de chuva escorriam juntas pelo meu rosto...

Exausta, caí na cama e adormeci. Creio que para alguém de cinco anos, eu já havia vivido e aprendido muitas coisas em um só dia.

Cap. 12

Pesquisas

Quando acordei, contei a "tragédia" para minha mãe, que trocava minha irmãzinha Ivy.

Ela me disse que não havia mal nenhum em trocar o cachorrinho, mas eu é que decidiria.

Olhei para Ivy e para sua barriguinha de criancinha e pensei que, se eu gostava tanto dela, por que não iria gostar do Gordinho? Queria tanto que ela fosse grande como eu para poder me ajudar...

Decidi, ainda assim, buscar uma segunda opinião. Eu tinha um jabuti chamado Brigito, que tinha o costume de sempre fugir e me deixar desesperada. Como o cachorrinho (se eu o buscasse) e ele iriam dividir o mesmo quintal, achei que deveria consultá-lo.

Sentei-me no chão ao lado dele, depois de o encontrar, e expus toda a situação. Coloquei uma pedra do lado direito dele e outra do lado esquerdo e o cutuquei para que andasse. Se ele fosse para a direita, é porque concordava com a troca.

Fechei os olhos rapidamente e, quando os abri, vi meu jabuti empurrando a pedra da direita.

__Está decidido, Brigito! Muito abrigada.

Cap. 13

Fui buscá-lo

Na hora combinada, de banho tomado e com minha quase melhor sandália (minha mãe não me deixou colocar a melhor), saí rumo à Vizinha, desta vez com o passo firme e determinado.

Não entrei direto, como no dia anterior. Bati palmas e esperei.

Lembrando-me , hoje, da expressão da Vizinha, sei que ela havia apostado na mágica que sempre haverá entre uma criança e um cachorro...

Ela fez com que eu entrasse e, sem nada me perguntar, colocou em meus braços o Gordinho, que se mexia sem parar e balançava o toquinho de rabo. Como quase todos os cães de sua raça, ele tivera seu rabo cortado ao nascer.

Após a Vizinha ter-me explicado tudo que eu deveria fazer para cuidar dele, voltei com meu novo Pink no colo e percebi que ele era bem pesadinho, pois meus bracinhos se esforçavam para mantê-lo no alto.

Fui sentindo o calor do corpinho dele e, sem me dar conta, fui estreitando meu abraço. Creio que comecei a amá-lo naquele momento.

Cap. 14

Totó

Já em casa, todos foram ver o Pink que, mal colocado no chão, já começou a explorar o quintal.

Minha irmã, sempre acompanhada de sua chupeta, olhava-o insistentemente, mas tinha medo de se aproximar.

Meus pais fizeram festinhas nele, que não recusava nenhum carinho, aliás, característica que o seguiria por toda a vida.

Eu estava radiante; percebia que ele fora aceito e pedi a Deus (eu não sabia se havia um Deus diferente para os animais) que cuidasse do outro Pink, pois agora este é que seria o Meu cachorro.

__ Tó! Tó !

Interrompida em minha oração, vi a Ivy agachada, oferecendo a chupeta ao cachorrinho. Corri para lá e arranquei a chupeta de suas mãos, mas ela continuava apontando para ele e dizia:

__Totó, Totó!

Invadida por uma idéia, abracei minha irmãzinha e a beijei dizendo:

__ É, Totó é um bonito nome, Ivy!

Pensei, olhando para o céu, que Pink só deveria haver mesmo um e que o Gordinho, daquele momento em diante, seria Totó.

Cap. 15

Totó chorão

Nos primeiros dias em que ficou em casa, especialmente nas noites, Totó "choramingou" muito, talvez por sentir falta de sua mãezinha. Como meus pais não sabiam o que fazer para acalmar o mais novo integrante da família, resolveram colocá-lo, provisoriamente, dentro de uma caixa na cozinha, durante as noites. Meu pai, contudo, sempre me dizia que não deveríamos acostumá-lo assim, pois seu lugar seria lá fora, junto com o Brigito.

Antes de ir dormir, passava pela cozinha para ver o meu cachorrinho e lhe fazia festinhas no barrigão. Por alguns minutos eu ficava ali, "conversando" com ele, esquecida de que se tratava de um animal. O único inconveniente é que Totó começava a ganir de uma forma ardida e insistente, quando eu me levantava a fim de ir para o meu quarto... Percebendo que eu não voltaria naquela noite, ele buscava outra tática e iniciava um gemido triste que se prolongava até que seu sono chegasse...

Eu tinha ímpetos de ir buscá-lo e dividir com ele um pedaço de minha caminha, mas tinha medo de levar uma bronca. Assim, aquele ganido quase me fazia chorar, e aos meus pais, quase morrerem de arrependimento.

Cap. 16

Chocolates

Não demorou muito para que Totó demonstrasse uma forte característica sua: o apetite!

Tão logo deixou o leite, passou a comer tudo que via pela frente... Uma certa vez, estava eu comendo uma enorme barra de chocolate, quando fui até o quintal levar alpiste para os meus periquitos (sim, eu também tinha passarinhos!). Segurando o saquinho de alpiste com uma das mãos e o chocolate com a outra, levei um tremendo susto, ao sentir que algo me sacudia; nem tive tempo de perceber o que (ou melhor, quem) era, apenas vi meu chocolate na boca de um cãozinho roliço, que disparava quintal a dentro.

Larguei o que segurava e parti atrás de Totó, arrancando-lhe o que foi possível , sentando-me ao lado dele, no chão, para juntos saborearmos o que restara do doce... Tive muita sorte de não ter tal cena presenciada por meus pais, pois, com certeza, o momento perderia sua mágica, fruto da inocência...

Daquele dia em diante, todos tínhamos que tomar cuidado para que a comida não fosse arrebatada de nossas mãos, ao menor sinal de descuido.

Cap. 17

E ele cresceu !

O tempo foi passando e ao final de um ano, Totó já era um cachorro adulto, mas nossas brincadeiras continuavam a todo vapor: apostávamos corrida na calçada, saltávamos o portão e eu ainda insistia em ensiná-lo a trazer-me o que eu lhe atirava...

Naquele ano eu iniciei meus estudos. Embora o Pré - Primário não correspondesse às minhas expectativas de aprender a escrever, a escola passou a absorver metade dos meus dias.

Quando eu chegava da aula, já encontrava meu fiel amigo a latir, esperando-me no portão. As tardes eram nossas: eu tinha que levá-lo todos os dias para dar umas voltas, de coleira, na tentativa de não deixá-lo engordar muito. Ah! Como eu me sentia importante, passeando com ele pela redondeza... Aquela "responsabilidade" fazia com que eu me achasse bem maior do que os meus seis anos. Juntos, éramos fortes e eu não tinha medo nem do "homem do saco", a quem minha mãe sempre se referia, advertindo-me, nas vezes em que eu saía sozinha, mesmo que fosse à casa da Vizinha. O problema, muitas vezes, eram os outros cachorros, que se aproximavam do Totó, enquanto fazíamos nosso passeio. Alguns punham-se a latir, ou até a avançar sobre ele, que, por sua vez, além de guloso, era um cachorro valente, não deixava por menos, arrastando-me, desesperada, pelas ruas.

Resolvi o problema, enchendo meus bolsos de pedregulhos todas as vezes em que saímos, e ao menor sinal de cães, enfiava as mãos nos bolsos e ficava de prontidão: se algum se aproximasse com ares de poucos amigos, eu utilizava minhas "armas"...

Cap. 18

Mudanças

Ainda naquele ano, algo especial aconteceu: nasceu minha segunda irmã, Tricya. Logo que ela chegou a casa, vinda da maternidade, nossa rotina doméstica modificou-se consideravelmente e eu já não tinha tanto tempo para brincar com meu cachorro.

Comecei a notar que ele já não se mostrava tão contente e olhava com curiosidade, da porta da cozinha (não era permitida sua entrada !) - a movimentação dentro de casa, aparentemente sem entender o porquê de tanta gente entrando e saindo e os constantes pedidos de silêncio. Hoje, imagino o quanto ele deve ter escutado e sido enxotado, pelo batalhão de "senhoras", que não suportavam a existência conjunta de cães e bebês!

Resolvi que era momento de providenciar as devidas apresentações e aguardei a ocasião adequada. Assim que meus pais saíram, deixando a mim, a Ivy e o bebê, sozinhos com a ajudante deles, corri para o quintal e arrastei o Totó para o quarto, levantando-o até o berço, para que ele conhecesse minha irmãzinha. Embora eu soubesse que, se alguém me surpreendesse ali, as coisas não ficariam boas para mim, achei que EU corria menos perigo do que se levasse a Tricya, de um mês de idade, ao quintal...

Cumprida minha obrigação, tirei meu amado de lá, ficando com ele lá fora, acariciando-o e explicando que eu nunca o deixaria. Não sei dizer como, mas depois daquele dia, ele voltou a ser o Totó de sempre...

Cap. 19

Outra mudança

No ano seguinte, em meados de julho, meus pais resolveram que mudaríamos de cidade. Foi um mês de encaixotar coisas, despedir de amigos, da escola, enfim, a maior mão-de-obra.

Preparei o espírito de meus queridos amigos Brigito e Totó, pois a vidinha deles também iria mudar, mas, no dia da mudança, por mais que eu procurasse, não consegui encontrar meu jabuti. Com o Totó ao meu lado, vasculhamos todo o quintal, em vão.

Requisitei os esforços de vizinhos, de meus pais, de tios, embora eu me debulhasse em lágrimas, nunca mais voltei a ver meu querido Brigito novamente. Talvez ele não quisesse mudar dali...

Após as tentativas de me consolar, entrei no carro , rumo ao meu novo lar. Meus pais, minhas irmãs e eu, fomos na frente, mas meu coração ia logo atrás, no caminhão que levava meu cãozinho, entre as caixas de mudança. Nós nunca imaginaríamos o mundo que nos aguardava....

Cap. 20

Um novo mundo

Fomos morar em uma cidade bem pequena, próxima à fazenda de meus avós maternos. Como não havia casas para alugar ou comprar, meus pais resolveram a situação comprando uma chácara.

O lugar, embora precisasse de algumas reformas, era repleto de árvores , cheias de flores e de frutas saborosas. Havia muitos pássaros também, e como cantavam!

Logo que o retiraram do caminhão, Totó encontrou o paraíso! A princípio, hesitou um pouco, olhando tudo com ares de desconfiado, mas passado um tempinho, iniciou uma exploração pelo lugar.

Dava gosto vê-lo correndo, eufórico, por todo o lado, talvez estranhando a liberdade, ou maravilhado por não encontrar portões e muros...

E foi assim que Totó encontrou sua nova vida.

Cap. 21

Os pintinhos

No correr daquele primeiro ano, eu ganhei de minha avó, umas vinte e cinco galinhas, que logo começaram a encher o local de pintinhos.

Em uma certa tarde, uma vizinha de cerca veio dizer-me que uma de minhas penosas havia feito ninho no quintal dela e que estava chocando vários ovos.

No dia em que os pintinhos nasceram, conforme o combinado, fomos buscá-los. Totó acompanhou a mim e a minha mãe, com ares de curioso.

Primeiro, após muita resistência (e bicadas!), pegamos a galinha, que em total desespero, defendia seus filhinhos de todas as formas que podia.

7

O passo seguinte foi pegar os pintinhos , que se espalhavam pelo terreno, atordoados, piando de fazer dó.

Peguei alguns, minha mãe outros, e é claro, como não podia deixar de ser, meu fiel amigo quis ajudar. Isso mesmo. Totó, com a maior das boas intenções, simplesmente abocanhou um pintinho e jogou o pobrezinho aos meus pés. Cheio de satisfação, olhava-me, abanando o toquinho de rabo.

Eu olhei para o pintinho que, mortalmente ferido, agonizava, e abri o maior berreiro. Passei a gritar com ele, que sem nada entender, partiu em busca de mais um pintinho.

Entre meus berros, piados angustiantes e bicadas de galinha, todos ficamos sem saber o que fazer, diante do massacre que se prenunciava. Antes de mais nada, expulsei meu cachorro de lá.

No fim da tarde, depois de enterrar dois pobres pintinhos, e colocar os restante com a mãe galinha, em um lugar seguro, parti em busca do Totó que, desde a tragédia, havia sumido.

Cap. 22

Totó magoado

Percorri toda a chácara, chamando por ele, mas só fui encontrá-lo, algum tempo depois, embaixo de um pé de pitanga, encolhidinho.

Eu fiz festinhas em sua cabeça, chamava-o para ir apostar uma corridinha, mas ele me olhava com olhinhos tristes e abaixava a cabeça.

Percebi que ele não sabia o que havia feito de errado. Ele só quis ajudar, mas eu não havia entendido. Insisti um pouco mais, envergonhada de ter sido tão insensível. Como ele não desistia de ficar emburrado, arrastei-o, com toda minha força, para casa.

No dia seguinte, já estávamos reconciliados, juntos novamente, felizes e sem mágoas, mas por via das dúvidas, nunca mais o levei a minhas recapturas de galinhas. Era o melhor para todos, principalmente para os indefesos pintinhos.

Cap. 23

Artista de circo

O antigo morador da chácara, um menino de doze anos, tinha o costume de fazer pequenos espetáculos de circo amador. Logo que fiz amizades na escola e na vizinhança, as crianças vieram cobrar de mim, a mesma atitude.

Eu não poderia deixar de atender, pois não queria que me rejeitassem. E assim foi que, em meus oito anos de idade, assumi a responsabilidade de "dirigir" um circo infantil. Minhas irmãs , meus primos, alguns coleguinhas e eu, criamos o "Circo das Crianças".

Depois de tudo organizado, inclusive o preço do ingresso, resolvi providenciar uma grande atração : um leão!

É claro que eu não tinha leão algum , mas sempre era possível improvisar. Uma cartolina amarela, em forma de juba, foi devidamente moldada, de forma a encaixar na cabeça de meu cachorro. Eu seria a domadora.

No dia marcado, as crianças da redondeza e da escola apareceram em peso, pagando com balas e outros doces, para ver o "show".

Antes do meu número, coloquei a juba de papel no Totó, que desesperado para retirá-la, balançava a cabeça, enfurecido. E foi desta forma que o levei ao palco improvisado, e garanto que nenhum outro leão teria causado tantos gritos e risos.

O único inconveniente é que não consegui terminar o número, pois minha fera saiu correndo, depois de morder a ponta da cartolina e arrancar sua fantasia. A platéia, contudo, explodiu em palmas!

Cap. 24

Totó ganha um amigo

Como a chácara era grande e meus pais acharam que precisávamos de mais um cão de guarda, começamos a pensar em um companheiro para o Totó.

Depois de algumas semanas procurando, minha mãe chegou com a notícia. Uma senhora que tinha uma grande cachorra da raça pastor alemão, estava vendendo os filhotes - recém nascidos. Ocorre que um dos pequeninos nasceu albino, e como ninguém queria comprar, a dona ofereceu, de graça, para meus pais.

Eu fiquei algum tempo sem saber o que dizer. Em primeiro lugar, eu nem sabia o que era ser albino! Seria alguma espécie de doença deformante ou contagiosa? Teria ele cara de quê, para ninguém querer o pobrezinho?

Meio sem graça, eu perguntei para o meu pai o que aquilo significava.

Acho que meu olhar era de assombro, pois meus pais começaram a rir, o que me assustou ainda mais!

__Calma filha, não é nada do que você está pensando, - responderam-me.

Explicaram que o cachorrinho não produzia uma certa substância e que por causa disso, era inteirinho branco, sem nenhuma mancha de outra cor. Eu fiquei maravilhada! Então era só isso? A parte da substância eu não entendi muito bem, mas não conseguia era entender como alguém podia não querer um cãozinho todo branco, como uma bolinha de algodão? Meus pais também disseram que algumas pessoas nasciam deste jeito. Eu nunca tinha visto uma, mas pensei que deviam ser lindas, todas branquinhas. Minha mãe disse que eram sim, só que precisavam ter alguns cuidados, pois tinham pele muito sensível.

Daquele minuto em diante, comecei a sonhar com meu novo amigo. Pensei que seria muito bom para o Totó ter um companheiro, alguém com quem brincar.

Cap. 25

Branco

Após alguns dias, meus pais disseram que o novo “membro” da família já poderia vir para a chácara. Antes que falassem alguma coisa, eu ofereci meus serviços:

__Deixa que eu busco!

Como o local era perto do colégio onde eu estudava, eles concordaram. Preparei-me toda para a ocasião e não consegui prestar atenção a uma só palavra da professora. Quando o sinal para saída bateu, foi como se meu coração quisesse apostar com ele e bater mais forte.

Ao ver meu novo amigo, senti algo parecido com a emoção que havia experimentado alguns anos atrás. Peguei o pequenino no colo e o apertei forte ao meu corpo. Fiquei pensando em tudo que tinha aprendido sobre os albinos, e aquela bolinha branca era algo realmente muito bonito de se ver...

Logo que cheguei à chácara, com o cãozinho, minhas irmãs e eu nos pusemos a pensar qual seria o nome que ele ganharia. Após milhares de idéias, decidimos pelo mais simples, e que se encaixava como uma luva. Aos berros, comunicamos o resultado aos meus pais e a todos que quisessem ouvir:

__Será Branco!

E Branco entrou na nossa vida. No entanto, “alguém” que ficara observando a cena, com ares de desconfiado, é que com ele compartilharia a maior parte de seus momentos...

9

Cap. 26

Totó virou babá

Branco era um cachorrinho chorão. Na primeira noite em que ficou sozinho, desatou a choramingar, deixando-nos em total desespero. Totó, por sua vez, não sei se por ciúmes, não queria nem saber do que se passava, e foi para o seu canto, dormir. Mas Branco não se deu por vencido e, percebendo que ninguém viria socorrê-lo (minha mãe não deixou !), resolveu arranjar algo quente em que se encostar.

Nem preciso dizer que ele foi, de mansinho, para a caixa do Totó. Da janela da cozinha, todos olhávamos, esperando para ver em que daria a tentativa.

A primeira não deu certo, pois nem bem ele se aproximou, Totó já deu uma rosnada, indicando que o pequeno não era bem - vindo.

Mas o Branquinho era persistente, e por várias vezes, tentou aconchegar-se. Como Totó se mostrava cada vez mais agressivo, o pobrezinho entrou na caixinha que lhe havíamos preparado e ficou a soluçar... A essa altura dos acontecimentos, eu já estava com o coração apertado e disse aos outros que não iria mais deixá-lo ali, naquele estado de abandono. Como todos já estavam com a mesma idéia, começamos a pensar no que fazer, naquela noite ao menos, para melhorar a situação. Nesta mesma hora, vimos uma cena que nos deixou pasmados:

Não sei se por remorso, Totó foi até o pequenino e deitou-se ao seu lado. Para não estragar a magia da amizade que surgia, fechamos a janela, e em silêncio fomos dormir.

Cap. 27

Amigos !

Totó desempenhou com paciência seu papel de pai adotivo. Nos primeiros meses da vida de Branco, este fazia estrepolias com todos, especialmente com Totó. Passava por baixo dele, fazendo-lhe cócegas na barriga, seguia-o para onde quer que fosse, comia a comida dos dois e acostumou-se a dormir por perto. Algumas vezes Totó se zangava, especialmente quando ficava sem almoço, mas tornaram-se inseparáveis.

Branco cresceu logo e tornou-se um cachorro muito bonito. Ficou enorme, com pêlo brilhante e com um latido que parecia um trovão. Mas, embora fosse de pôr medo em quem olhasse, Branco era inofensivo. Parecia um menino que não quis crescer. Quando via alguém de casa chegando, corria como um louco, com a boca aberta, a língua de fora, abanando o rabo. Não raras vezes, derrubava algum de nós e colocando as imensas patas sobre os ombros da “vítima”, disparava em lambidas sem fim.

O pior mesmo era a cauda, que ele vivia abanando de felicidade e que parecia um chicote, que dava lambadas doloridas em nossas pernas.

Nem mesmo Totó escapava dele. Como se não tivesse noção de que havia crescido, Branco continuava a querer passar por baixo de seu amigo, quase mandando o coitado ao chão. Após algumas cabeçadas e de levar algumas mordidinhas de Totó, que ficava furioso nessas horas, Branco resolveu mudar de tática e começou a passar por cima, com o que, acho, Totó ficou mais bravo ainda, mas Branco era assim, um gigante desengonçado e de bom coração...

Cap. 28

Adeus à chácara!

Passamos mais alguns anos na chácara, lugar em que deixamos nossa infância. Quando eu já estava com quase 11 anos, meus pais precisaram voltar para a cidade onde antes morávamos.

Foram dias difíceis, pois não era simples dizer adeus a tudo que ali vivêramos. Implicava dizer adeus aos amigos, à escola, às brincadeiras ao ar livre, às galinhas, enfim, a tantas coisas que haviam tornado aquele pedaço de terra tão abençoado.

A única coisa com a qual não contávamos era ter que dizer adeus ao Branco. Tudo começou, quando chegou o dia de irmos embora. Eu olhava aquele caminhãozinho carregado com todas nossas coisas e sentia, dentro de mim, um vazio sem igual. Coloquei a velha coleira do Totó que, embora desacostumado, não deu muito trabalho. Para o Branco, havíamos comprado uma coleira nova, enorme, que tentamos colocar, pela primeira vez, em seu pescoço de gigante. Acho que ele nem sabia o que era aquilo, e não criou dificuldade para que a abotoássemos nele.

Logo que percebeu a situação, que se viu preso, sem poder correr ou saltar sobre nós, como adorava fazer, Branco deitou-se, abaixou a cabeça e não respondia a nenhum de nossos apelos para que olhasse para nós. A tristeza tomou conta dele de uma forma que até hoje não consigo descrever com exatidão. Mas todos compreendemos que ele nascera para ser livre, aliás, nós sempre deixamos que assim fosse. Sabíamos que ele morreria se fosse mantido preso, ou mesmo em um pequeno quintal. Assim, mesmo com o coração apertado, deixamos Branco com um casal de amigos.

Ao soltá-lo da coleira, criatura nenhuma no mundo aparentaria tanta alegria. Ele correu como nunca, por todos os lugares e em todas as direções. Naquele dia, ali, naquela hora, eu pude ver, nos olhos de um animal, o quanto vale a liberdade, e aquele cão que todos diziam não ter cor, transbordava de luz, como um lindo arco-íris...

Mesmo depois de separados, quando já estávamos na nova casa, sempre que alguém falava o nome Branco, Totó olhava para os lados, com as orelhas em pé, parecendo procurar pelo amigo.

Branco ainda viveu por muitos anos, livre e feliz, mas sempre que o visitávamos, ele também olhava ao redor, e abanava sua enorme cauda, se chamássemos por Totó.

Cap. 29

De casa nova

Fomos morar em uma casa pequena, em que não havia muito quintal, a não ser por uma estreita área com grama, e custou ao Totó acostumar-se com grades e portão fechado.

Todos nós sentíamos a falta daquele verde que nos cercou por vários anos, mas creio que meu cão foi o mais prejudicado. Resolvemos, diante da nova situação, tentar fazer com que ele aprendesse a conviver com carros e pessoas na rua, sem machucar ninguém e sem se machucar também.

Comecei a soltá-lo aos poucos, ficando de vigia, para ver como ele se comportava. Após algumas experiências, decidimos que ele já podia circular pelas ruas da redondeza, livremente, sem maiores riscos.

Eu já não tinha tanto tempo para ele. Estava vindo de um lugar diferente, de um meio de vida diferente, e o retornar não estava sendo tão fácil. Já não tinha mais amigos, e lutava, com a timidez da adolescência, para conquistar outros. Tinha certeza, contudo, de que Totó sentia isso, pois começou a aproveitar seus momentos de liberdade na rua, estendendo-os cada dia mais. Havia dias em que só retornava em seus horários de refeição, e depois sumia durante o resto do dia, voltando à noitinha, quando fechávamos o portão. Era como se ele soubesse que eu estava crescendo, ficando diferente e às vezes, indiferente...

Cap. 30

Perdão

Certa tarde, enquanto estudava, ouvi um carro dar uma freada brusca, e em seguida, um gemido que ficou se repetindo por alguns minutos. Como estava atenta ao que fazia, não dei muita atenção ao acontecimento e assim continuei, por mais alguns minutos. De repente, foi como se eu levasse um forte tapa no rosto, e eu saí do estado em que me encontrava. Larguei minhas coisas pelo chão e fui correndo para fora de casa, sem saber bem o porquê.

Logo que cheguei ao portão, vi uma roda de crianças, na esquina de baixo, olhando para algo que estava no chão. Meu coração ficou a mil... Ouvi novamente o gemido e, para meu desespero, reconheci meu cãozinho. Fui para perto deles, quase caindo de tanto medo, e vi meu amado, machucado, sem ninguém que o socorresse...

Retirei - o do chão e o abracei, devagarinho, levando - o para casa. Eu não podia acreditar no que estava acontecendo. Era tudo culpa minha: eu o abandonara! Nem estava atenta para socorrê-lo, quando ele tanto precisara de mim... Chorando, pedi a minha mãe que chamasse o veterinário e prometi ao Totó que nunca mais o abandonaria...

O veterinário, amigo da família, disse que ele havia escapado por pouco, mas que era preciso observar o comportamento dele nos próximos dias, pois não dava para precisar quais lesões ele havia sofrido. Naquela noite, agradeci a Deus por não haver levado embora o meu "Gordinho", e pedi que Ele perdoasse as pessoas que, às vezes, não eram tão boas quanto deviam ou gostariam de ser, como eu, que me havia esquecido de meu amigo e como a pessoa que o atropelou e fugiu, xingando...

Cap. 31

É o fim?

No dia seguinte, ao acordar para o café, ouvi meus pais conversarem:

__É mesmo incrível! Depois de ser atropelado, ainda isso? Não é possível...

Parei, por alguns segundos, no corredor, com muito medo de ouvir o resto. O que teria acontecido de mais grave? Será que ele não havia suportado a primeira noite depois do acidente? As lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto... Por um minuto, senti-me novamente com cinco anos de idade, enfrentando a dor da primeira perda... Será que agora seria a despedida? Sem nem dizer bom dia aos meus pais, corri para o quintal, para ver com meus próprios olhos o que estava acontecendo.

Cheguei próximo a sua caixa de dormir e tive outra vez a impressão de voltar no tempo... Fechei os olhos e coloquei a mão em sua cabeça. Que alegria experimentei, quando ele abriu os olhos e me lambeu a mão! Sem entender nada, voltei à cozinha e perguntei sobre o que eles estavam falando do Totó.

__Esse Totó é mesmo cheio de surpresas - disse minha mãe - ele arrastou-se pelo piso de cimento, mesmo machucado, só para fazer seu xixi e cocô fora da caixa, para não sujá-la. Ele está todo arranhado pelo esforço, mas eu o vi a tempo e o carreguei de volta para caixa...

Vendo meu olhar de espanto e de dúvida, meu pai falou:

__Não se preocupe, Cinthya, esse seu cãozinho ainda vai longe....

E foi mesmo. Muitos anos se passaram até que Totó deixasse nossas vidas. Viveu muitas aventuras, arrumou mulher e muitos filhos...Fez tantas coisas que eu poderia contar durante muitas e muitas horas, ou então, quem sabe, em muitas outras páginas, mas isso já é outra história...

Naquele dia, corri, orgulhosa, para abraçar meu Totó, meu "Gordinho" querido. Disse - lhe que ainda éramos uma grande dupla. Cumpri minha promessa e nunca mais o abandonei. Ele vive em meu coração e agora, contando suas histórias, sua vida, espero que ele viva também em muitos outros corações. Ele não tinha mais do que três palmos de altura, mas para mim, ele era e sempre será, o maior cão do mundo...

FIM